

O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO COMO MÉTODO PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO¹

Bergson Pereira Utta²
Ádria Karoline Souza de Aquino Utta³
Fredy Enrique González⁴

RESUMO

Este artigo visa compreender o materialismo histórico-dialético como um método apropriado para a pesquisa no campo da educação. Esta pesquisa é fruto de discussões desenvolvidas nos Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado) da Universidade Federal do Maranhão na disciplina Epistemologia das Ciências Humanas e (doutorado) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na disciplina de Filosofia das Ciências. Por meio do materialismo histórico-dialético, a história é vista como um processo dialético e material da existência, desenvolvido de maneira objetiva na realidade, sendo, por meio dessa relação, que pode ocorrer um desvendar dessa condição sob a dimensão material e histórica do concreto. Metodologicamente, essa é uma pesquisa exploratória sob uma abordagem qualitativa. Quanto as procedimentos técnicos, é uma pesquisa bibliográfica. Nos ajudaram a pensar essa temática, o próprio Karl Marx (1996, 2008, 2011ab), Karel Kosik (2002), Sánchez Gamboa (1996), Sánchez Vásquez (2007) e Lefbvre (2011). Concluímos que esta pesquisa aponta evidências significativas que vem justificar a abordagem do materialismo histórico-dialético na pesquisa em Educação.

Palavras-chave: Materialismo Histórico-dialético, Educação, Pesquisa.

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa para ser considerada científica, reivindica rigorosa fundamentação epistemológica, com uma clara posição teórica do pesquisador. Quando falamos de epistemologia, falamos de ciência, pois a origem dessa palavra é grega (episteme) e significa conhecimento, mais logia, que significa estudo.

Segundo um dicionário de filosofia (GREGORIO, 2019), Episteme é o “conhecimento verdadeiro e científico (oposto a doxa)”. E, epistemologia significa,

[...] etimologicamente, "discurso sobre a ciência". Ainda que usado para significar "teoria do conhecimento", "gnoseologia", o termo emprega-se

¹ Este artigo consiste em fundamentar a escolha do método de pesquisa (Materialismo Histórico-Dialético), para a pesquisa no PPGE da UFMA e PPGEd da UFRN.

² Pós-graduando (Autor) do PPGEd (Doutorado) da Universidade Federal do rio Grande do Norte - UFRN, bergsonutta@hotmail.com.

³ Pós-graduanda (Co-autora) do PPGE (Mestrado) da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, adriautta@gmail.com.

⁴ Professor (Orientador) credenciado ao PPGEd da UFRN, na Linha de Pesquisa Educação, Construção das Ciências e Práticas Educativas, fredygonzalezdem@gmail.com.

hoje, frequentemente, para designar o estudo crítico das ciências naturais e matemáticas. [...] é o estudo crítico da forma (e não do conteúdo) da ciência”.

Para a realização de estudos sobre o homem e sua vida na sociedade, surgem duas complexas concepções epistemológicas e opostas, acerca do mundo e da realidade, mas que visam contribuir para desmistificá-la, sendo estas: a metafísica e a materialista, com óticas metodológicas que visam apontar para diferentes caminhos, sendo também heterogêneas para a apreensão do real.

Queremos nos deter neste trabalho, na concepção denominada como materialista, que se fixa em uma base filosófica, indo de Heráclito até Hegel, para pousar sob o pensamento de Karl Marx, instituindo uma nova dialética que passou a ser chamada de materialismo histórico-dialético.

Entendemos que esta pesquisa se justifica, haja vista ser a escolha do método de duas pesquisas em educação de dois Programas de Pós-Graduação dos Estados do Maranhão e do Rio Grande do Norte, que também servirá de base para outros pesquisadores, ao escolher o mesmo método para as suas pesquisas nesta área.

Neste trabalho, apesar de não desenvolvermos uma discussão perscrutada, assumida em um determinado percurso histórico, sobre os diferentes entendimentos acerca a dialética, objetivamos apresentar o que reforça a sua importância como método que venha explicar a realidade. Dessa forma, nosso principal objetivo é: compreender o materialismo histórico-dialético como método de pesquisa em educação.

Para tal consecução, um autor foi fundamental neste estudo, que é o próprio Karl Marx (1996, 2008, 2011ab), pois é de sua teoria que falamos, mas tendo também a contribuição de outros pensadores importantes, tais como Karel Kosik (2002), Sánchez Gamboa (1996), Sánchez Vásquez (2007) e Lefbvre (2011).

Os procedimentos metodológicos que adotamos caracterizam-se por uma pesquisa exploratória sob uma abordagem qualitativa, envolvendo apenas um procedimento técnico, que foi a pesquisa bibliográfica.

Deste modo, a pesquisa desenvolvida e registrada neste artigo, divide-se em três sessões apenas, sendo a primeira essa introdução, seguida da sessão que trata prioritariamente em explicar sobre o materialismo histórico-dialético e seu uso apropriado como método para a pesquisa em educação e, por fim, nossa conclusão.

Portanto, temos como ambição que este trabalho possa contribuir para que pesquisadores reflitam sobre a pesquisa, conheçam melhor a dialética como método e,

acreditando que ele favorece seu peregrinar metodológico, o usem de maneira apropriada e consistente, objetivando interceder em uma determinada realidade social objetiva, com o compromisso de transformá-la, por meio de uma práxis revolucionária.

METODOLOGIA

Nossa metodologia, quanto aos procedimentos é bibliográfica constituindo-se como uma pesquisa básica e uma pesquisa qualitativa⁵, que pretende entender algumas das complexas relações que compõem o objeto em seu movimento, pela compreensão de suas relações, evidenciando um caminho de ordenação da realidade investigada, com o intuito de compreender seus múltiplos significados, características e contornos.

Esta pesquisa bibliográfica se deu pela análise do conteúdo de obras escritas, comportando três importantes fases (DEMO, 2000), a fim de se tornar confiável como método de estudo, sendo estas: (1) pré-análise, entendida como fase de exploração do material com uma leitura esquadrihada, porém ligeira, tratando-se apenas de uma análise textual, momento que traçamos um planejamento para a pesquisa, o que incluiu alguns objetivos que desejávamos alcançar com o estudo; (2) exploração do material, consistindo no cumprimento da fase 1 de maneira resoluta e gradativa, pela retomada da leitura, agora mais aprofundada (análise ideológica e interpretativa) pela problematização das informações escritas pelos teóricos, traduzidas pela reflexão do conteúdo, sendo a etapa da contextualização e da contemporização, e; (3) tratamento dos resultados e interpretação, momento em que chegamos ao entendimento do conteúdo, a fim de dar validade aos seus significados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a compreensão do Materialismo Histórico-Dialético como método de pesquisa em educação

⁵ Para André (1995, p. 17), a pesquisa qualitativa é uma proposta que se orienta pela visão idealista-subjetivista, ou seja, fenomenológica de mundo, e que “valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo, apesar de haver outras fundamentações para a abordagem qualitativa, a exemplo do cognitivismo, interacionismo, construtivismo, entre outros.

É consenso no cenário acadêmico, que para fazermos pesquisa científica, há necessidade da utilização de métodos de pesquisa, a fim de que os resultados encontrados tenham credibilidade e sirvam de fonte fidedigna para outras investigações, havendo consonância entre muitos autores que estudam a epistemologia das ciências, de que toda e qualquer ciência se caracteriza pelo uso apropriado de métodos científicos.

Cabe entendermos inicialmente a diferença entre metodologia e método. O primeiro registro feito da palavra metodologia na língua portuguesa foi a partir da segunda metade do século XVIII. Esta tem origem grega e etimologicamente é composta dos termos: *metá* (através), *hodós* (caminho) e *logos* (ciência) (HOUAISS, 2001). Baseado nessas significações, entendemos metodologia por um caminho, por meio do qual podemos fazer ciência que, quando alcançada, pode dar respostas ao sujeito.

Quando pensamos o trabalho docente, a metodologia pode também dar respostas sobre objetivos traçados para o ensino ou para finalidades educativas. Desta feita, entendemos que para haver metodologia de ensino é necessário uma intencionalidade antes das ações, objetivos muito claros a ser alcançados e finalidades – todos identificados e direcionados aos sujeitos do processo de ensino.

A palavra metodologia é por vezes confundida com método. No entanto, utilizando o mesmo sentido etimológico acima, esta palavra é composta apenas das duas palavras iniciais (*metá* – através; *hodós* – caminho), significando apenas o caminho através do qual busca-se alguma coisa, para se atingir objetivos projetados.

No que tange a própria investigação científica, vamos entender o método como um conjunto de procedimentos lógicos, por meio de regras orientadoras, que irão guiar o pesquisador para o alcance de seus objetivos de pesquisa, favorecendo sua compreensão e suas ações à frente do fenômeno que deseja desvendar, garantindo a cientificidade desse processo.

Durante a realização da atividade de pesquisa, para que se apreenda e compreenda o real, concepções teóricas e procedimentos técnico-científicos, preliminarmente definidos, irão ajudar para que se encontre respostas quanto ao objeto de estudo. No entanto, são muitos os métodos existentes para se entender e explicar os fenômenos da realidade e sua escolha está vinculada a história de cada pesquisador, envolvendo sua posição filosófica, teórica e metodológica e sua posição política diante do mundo.

Dessa forma, o método irá refletir as ambições de cada pesquisador em relação ao fenômeno que deseja descortinar. Contudo, por existir uma profusão de relações epistemológicas, políticas e filosóficas que podem interferir nas conclusões dessas pesquisas,

é que Silvio Sánchez Gamboa (1996, p. 62) diz quão complexo é “[...] explicar os métodos por si mesmos sem levar em conta os contextos teóricos e as condições histórico-sociais da produção destes e da pesquisa”.

Diante de várias correntes filosóficas, a exemplo do positivismo, da fenomenologia e do materialismo histórico-dialético, queremos nos deter neste último, para refletir sobre sua contribuição para as pesquisas no campo da educação, que é também um campo social.

Um filósofo alemão, chamado Georg Wilhelm Friedrich Hegel (século XIX), explicando o materialismo histórico-dialético, afirmou que a dialética vem impulsionar a sucessão de uma ideia absoluta por momentos denominados de tese (afirmação), antítese (negação) e síntese (negação da negação).

Essa corrente é sustentada na teoria de Karl Heinrich Marx em seu estudo sobre a evolução histórica das sociedades humanas, afirmando que a vida social, política e intelectual é condicionada pelo modo de produção dos bens materiais, interagindo com a base material. Junto com Karl Marx, Friedrich Engels afirmou por meio de estudos, que todas as sociedades passadas tem sua história ligada a luta de classes, e que com o passar do tempo, toda relação econômica evoluiu para uma continuada luta dialética entre aqueles que eram os donos dos meios de produção e os explorados operários.

O marxismo⁶, amplamente conhecido como materialismo histórico-dialético, afirma-se no processo de análise científica, como um método que vem explicar sobre a realidade social, a partir de posições filosóficas, visando entender todos os aspectos que venham caracterizar o desenvolvimento das forças que movimentam essa sociedade.

Karl Marx (2011b, p. 28), quando escreveu sobre seu método, destacou a importância de se distinguir, de maneira formal, o que seria o método de exposição e o método de pesquisa, que bem podemos observar a seguir:

[...] a investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído o trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real.

Karel Kosik (2002), nos dá sua contribuição quanto ao entendimento desse método de investigação, apresentando-o em três níveis subsequentes: 1. Minuciosa apropriação da matéria, com o pleno domínio do material, incluindo todos os detalhes históricos aplicáveis e

⁶ São concepções filosóficas, políticas e econômicas, que tiveram sua formulação inicial em Marx e Engels, mas completada a posteriori por outros pensadores, sendo uma tendência que se debruça sobre a análise histórica concreta da sociedade capitalista, desde sua origem, constituição e desenvolvimento.

disponíveis; 2. Análise detalhada das formas de desenvolvimento do próprio material; 3. Investigação da coerência interna, ou seja, por determinar as unidades das variadas formas de desenvolvimento. No entanto, ele adverte quanto a importância de termos o pleno domínio do método de investigação, já que qualquer dialética não passaria de uma especulação vazia.

Quando esses aspectos são alcançados no plano ideal, haverá como que um espelhamento da realidade pesquisada, dando a impressão de uma construção a priori, significando dizer que somente na conclusão da pesquisa, o pesquisador poderá apresentar os seus resultados. E, Kosik (op. cit.) ainda observa, que de onde partimos, a própria exposição já se apresenta como um resultado de uma investigação e apropriação científica crítica da matéria, e essa mesma exposição, como um início mediato, irá conter em seu interior a estrutura de toda a obra. Desta feita, é que o materialismo histórico dialético constituir-se-á como um método lógico e intransigente para estudar as relações que ocorrerem na sociedade.

O caráter material e histórico é o cerne do método dialético de Karl Marx. Quando ele fala desse caráter material, está se referindo a sua organização social, visando produzir e reproduzir a vida, já que o “modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral” (MARX, 1996, p. 300) e, é exatamente esse pressuposto que orienta para a compreensão das relações, partindo das suas condições materiais de existência, totalitariamente.

Mas como é que Marx concluiu isso? Foi exatamente quando estudou a sociedade burguesa, constatando que, fundamentalmente, toda e qualquer compreensão se daria por meio da economia política, já que pela produção social da própria existência humana, entrariam relações determinantes, necessárias, que independeria da vontade destes, correspondendo a um grau estabelecido de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. Disso, como bem destacou Marx (2008, p. 47), decorre “[...] a totalidade das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política que correspondem a formas sociais determinadas de consciência”. Essas relações de produção, são os modos de produção capitalista, condicionando o processo de vida social, política e intelectual coletiva em sua totalidade.

Agora, quando ele fala sobre o caráter histórico de seu método, se refere a compreensão da organização histórica da sociedade, e que partir dela, torna-se necessário o desvendamento dessa realidade, a partir das relações sociais já estabelecidas na humanidade. Marx vê a história como um processo dialético e material da existência, desenvolvido de maneira objetiva na realidade, sendo, por meio dessa relação, que pode ocorrer um desvendar dessa condição sob a dimensão material e histórica do concreto, visto que “o concreto é

concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (MARX, 2011a, p. 54). O método de Marx parte exatamente dessa compreensão. Não obstante, abarcando o conceito de dialética, seu método não brotou de uma genialidade isolada do mundo, mas é herdeiro de uma profunda tradição filosófica.

É interessante destacar que a dialética assume destaque na filosofia contemporânea, não com Marx, mas com Friedrich Hegel. O próprio Marx (2011a) afirmou isso, quando discorria sobre a dialética, afirmando que foi Hegel que apresentou suas formas gerais de movimento de maneira vasta e consciente. Henri Lefebvre (2011), também confirmou isso, dizendo que Hegel havia retomado em seu pensamento lógico algumas questões relacionadas ao emprego metódico sobre a razão, antes tratadas por alguns filósofos, a exemplo de Aristóteles, Descartes e Kant.

Usando a lógica hegeliana assentada em seus trabalhos científicos, Marx a aprofundou e continuou a elaboração do método dialético. No entanto, há diferenças entre os dois métodos (Marx e Hegel), sendo um completamente oposto ao outro, devido a mistificação do método de Hegel, pois como ele mesmo disse, “caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo” (MARX, 2011a, p. 54).

Hegel acreditava que o processo do pensamento é quem cria o real, sendo o real apenas a sua manifestação externa. Em outras palavras, o real é somente o ideal transportado para a cabeça do indivíduo imediatamente. De modo preciso, Hegel entendia a filosofia idealista como atividade da consciência ou do espírito, e essa consciência apresenta-se como uma atividade na qual é explicitada sua liberdade e soberania, sendo, por excelência, o seu fundamento supremo.

No entender de Marx (2011b), é como se a dialética hegeliana se encontrasse de cabeça para baixo e, dessa forma, seria necessário colocá-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a sua substância racional. Invertendo-a de maneira radical, o conteúdo da dialética de Hegel – a filosofia do saber absoluto – se abriria à filosofia marxista da práxis (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007). Em sua forma racional, essa dialética apreenderia, ajustado com seu caráter transitório, as formas configuradas do devir, tornando-se fundamentalmente um método crítico e revolucionário, fazendo da dialética marxista, um método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis.

Karel Kosik (2002) reforça esse pensamento, quando afirma que a dialética criada por Karl Marx, não irá considerar os produtos fixados, suas configurações, bem como os objetos e todo o conjunto do mundo material objetivado, vendo-o como algo natural e independente,

em hipótese alguma aceitando o mundo das representações e as aparências manifestadas no pensamento de modo imediato, já que,

[...] submete-os a um exame em que as formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade, para se mostrarem como fenômenos derivados e mediados como sedimentos e produtos da práxis social da humanidade (KOSIK, 2002, p. 21).

Tudo isso representa que as aparências manifestadas no objeto premente devem ser rejeitadas, pois não são e nem irão explicar o objeto em sua essência, pois seu movimento histórico e material derivam-se e são mediados pela práxis social humana.

Enquanto objeto da educação – nosso campo de pesquisa em questão – isso significa dizer que a matéria se constituirá em matéria social, pois as relações sociais vão passar a ser compreendidas como relações de produção, como o processo em que os sujeitos irão produzir e reproduzir as suas condições materiais de existência, e isso reafirma a dialética em Marx, como materialista e não idealista.

O mundo objetivo, interligando o pensamento e o ser, vão se constituir como objeto da dialética materialista de Marx. Dentro dessa perspectiva, as pesquisas científicas na área da educação, poderão tornar-se ainda mais relevantes, ao passo que a dialética ajuda a revelar o movimento e a historicidade dos fenômenos: a educação em sua relação com a sociedade em sentido mais amplo. Situando o problema de pesquisa em sua totalidade, é que o pesquisador poderá identificar toda e qualquer contradição inerente aos fenômenos investigados, a fim de analisá-los melhor, pois Marx (2011) entende que a contradição vai residir na existência dos conflitos históricos das forças e relações de produção, culminando em uma revolução apta a mudar de um regime social para outro.

Desta feita, será por intermédio dessa corrente filosófica – o materialismo histórico-dialético de Marx – que a natureza das relações, processos e estruturas, bem como as suas representações ideológicas ou teóricas produzidas sobre determinado fenômeno, poderão ser alcançadas, sob a perspectiva de desvendar a realidade estudada, mas também para ações que visem transformar a realidade social. É como disse Karel Kosik (2002, p. 52),

[...] para o materialismo, a realidade social pode ser conhecida na sua concreticidade (totalidade) quando se descobre a natureza da realidade social, se elimina a pseudoconcreticidade, se conhece a realidade social como unidade dialética de base e de supra-estrutura, e o homem como sujeito objetivo, histórico-social

Por esse posicionamento, Kosik (2002) comunica que se o homem no âmbito da

totalidade, for visto apenas como um objeto, a realidade social não será conhecida em sua totalidade concreta, nem se na práxis histórico-objetiva humana, não o reconhecer como sujeito.

Portanto, toda essa discussão acerca do materialismo histórico-dialético, pôde nos conduzir para um melhor entendimento deste método investigativo e científico, objetivando usá-lo como intercessor em uma dada realidade social objetiva, comprometendo-se com o sujeito para mudar a realidade que o circunda, pois visa tanto fazer interpretações do real, como oferecer bases teóricas consistentes para a sua transformação, já que este serve para vincular de forma consciente à práxis revolucionária, para a transformação do mundo (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo compreender o materialismo histórico-dialético de Karl Marx como um método apropriado para a pesquisa em educação. Apesar de acreditarmos que outros métodos se adequem também a pesquisa nesta área, a escolha por discutir e defender a dialética, se deu por interesses de ordem filosófica e política dos pesquisadores. Sua escolha também se deu, pelo fato de se constituir em um fundamento teórico-metodológico qualitativo, oferecendo potencial para guiar as ações do pesquisador quanto ao desenvolvimento de pesquisa em educação, conferindo práxis e valor científico.

Entendemos claramente que a educação, como uma prática social, sofre interferência de fatores de ordem econômica, social e política, que influenciam fortemente para reproduzir uma lógica ideológica dominante, reproduzindo contradições que vão influenciar em mudanças, possibilitando em novas formações sociais. Diante disso, a proposta da dialética marxista, é apropriar-se de forma crítica para intervir no processo histórico, para a compreensão do fenômeno em sua essência, com o intento de possibilitar um conhecimento intermitente, evoluído, que rebata às lógicas unicamente confirmatórias, inofensivas no âmbito político e prolixamente ideológicas.

Constatamos pelas teses propostas por Karl Marx, a necessidade de rompermos com o senso comum, saindo de uma condição de abstracionismo para a concretude, pela compreensão da realidade social dominada pelo modo de produção do capital. Para consolidar esse entendimento sobre a essência do materialismo histórico-dialético, trazemos as palavras

escritas no prefácio do livro escrito por Marx, denominado “Contribuição à crítica da Economia Política” (1859):

Na produção social de sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e a que correspondem determinadas formas de consciência social. O sistema de produção da vida material condiciona todo o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência do homem que determina a sua existência, mas, ao contrário, sua existência social é que determina sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as condições de produção existentes ou, o que não é mais do que a expressão jurídica disto, com as relações de propriedade dentro das quais se têm movido até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se convertem em seus entraves. E se abre assim uma época de revolução social. [...] Quando se estudam essas transformações, [...] [é – grifo nosso] que os homens adquirem consciência desse conflito e o combatem. E do mesmo modo que não podemos julgar um indivíduo pelo que ele pensa de si mesmo, não podemos julgar tampouco essas épocas de transformação por sua consciência, mas, ao contrário, deve-se explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção (MARX, 1986, p. 338-339).

Finalizando, reafirmamos nossa escolha epistemológica pelo materialismo histórico-dialético, por se tratar de um método de investigação científica da realidade, seja no âmbito social, da educação e da política, que favorece à compreensão de que além do conhecimento e interpretação dessa realidade, é fundamental transformá-la, pelo reconhecimento de sua contribuição de maneira efetiva, a partir da compreensão da forma como é estruturada a sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/página-inicial>>. Acesso em: 20 de mai. 2019.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LENIN, V. I. Karl Marx. In: **Obras escolhidas**. t.1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes, 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I, volume I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 28. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Epistemologia da pesquisa em educação**. São Paulo: Papyrus, 1996.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO. São Paulo: Expressão Popular, 2007.